

Educação popular e Interseccionalidade

Popular Education and Intersectionality

Educación Popular e Interseccionalidad

Keides Batista Vicente¹

Aline da Costa Luz²

Reunimos aqui escritos comprometidos com a educação popular em uma perspectiva interseccional. Partindo da compreensão de que o conceito de interseccionalidade se encontra em um campo de disputa, estabelece-se o posicionamento junto às perspectivas da educação popular, comprometida com o reconhecimento e a superação das realidades de opressão de raça, gênero e classe.

Desde modo compreender os fundamentos da Educação Popular são fundamentais para pensarmos condições de acesso ao conhecimento, como proposto por Brandão (2014) e Freire (1996). E, em uma perspectiva da pedagogia feminista analisada por Guaciara Lopes Louro (2011) e Carmen Silva (2010).

Assim ao longo dos escritos os autores e autoras analisam a Educação Popular em vários espaços de atuação e em perspectiva de gênero, raça e classe.

Na primeira parte os leitores terão acesso aos seis artigos que compõem o Dossiê.

O primeiro texto *Contribuições da Educação Popular para a Formação do Educador Social*, os autores Renan Figueiredo, Maria Zenaide Alves, José de Lima, analisam a profissão de Educador Social no Brasil a partir de um olhar histórico, compreendendo assim que a tradição da educação popular permite a origem e regulamentação da profissão.

Para a autora Daniele Oliveira, no artigo *Clubes de Mães e Educação Popular: reflexões acerca das resistências tecidas na(s) periferia(s)*, a atuação de mulheres mães são analisadas de forma interseccional e em uma perspectiva de resistência. Para isto ela apresenta os processos de educação popular promovidos pelos clubes de mães presentes

¹ Doutora em Educação, UFG. Professora pesquisadora vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, UEG, Câmpus Metropolitano, Unidade Universitária de Inhumas. Email keides.vicente@ueg.br

² Doutoranda em Educação – UnB. Professora de História EBTT – IFG. Email: linecosta89@gmail.com.

nas periferias das grandes cidades brasileiras desde a década de 1970, e seus impactos na formação de territorialidades e resistências nestes bairros.

O artigo intitulado *A pluriatividade entre agricultores familiares feirantes de Pitanga – PR*, de Marilda Lisboa Machado, apresenta a importância e a contribuição econômica da pluriatividade para agricultores feirantes. A autora analisa como tal atividade possibilita que famílias permaneçam em suas propriedades e sobrevivam da diversidade dos seus produtos e dos conhecimentos em uma educação popular familiar.

A autora Paula Vielmo analisa a educação popular feminista em uma perspectiva interseccional. Assim no artigo *Apointamentos feministas sobre Educação popular Interseccional*, a autora articula teoricamente o conceito de Educação popular feminista e interseccional e apresenta o relato de duas experiências que utilizou a metodologia da pedagogia feminista.

Os autores Carla Santos Ferreira e Christopher Juan Carlos Martins apresentam no artigo *Medusa e a violência contra as mulheres: proposta de material educacional* uma perspectiva de discussão para o espaço formal de educação. Assim, utilizando um jogo com base no Mito da Medusa problematizam a condição da personagem, principalmente no que refere-se ao protagonismo da mulher e a temática de violência sexual.

O artigo *A interseccionalidade da afroperspectiva dos povos Bantu no Ensino de Filosofia: Lei Federal 10.639/03 no chão da escola* de Wudson Guilherme de Oliveira apresenta dinâmicas para viabilizar a implementação da referida legislação viabilizando a luta contra o racismo, bem como a importância de descolonizar o pensamento, e articular a revisão de correntes hegemônicas presentes no espaço escolar através da disciplina de Filosofia.

No item *Seção Livre* três artigos são apresentados em uma perspectiva de gênero. O primeiro intitulado *“É a ansia de quem nunca falou”*: repressão à lesbianidade e ao movimento lésbico organizado na “abertura política, de Elísia Gomes da Silva e Jaíne Chianca da Silva. As autoras analisam as principais formas de repressão contra as organizações políticas formadas por mulheres lésbicas, questionam a invisibilidade e a marginalização das referidas organizações e da própria lesbiandade.

Na sequência as autoras Meg Silva e Anahi Bezerra apresentam o artigo *Entre afetos e afetações: ativismos lésbicos no contexto da pandemia*. As autoras analisam a atuação de artistas lésbicas ativistas no contexto pandêmico e a utilização de redes sociais como principal meio de movimentação artística e política.

Em um terceiro momento o artigo *Bissexualidade, ativismo e produção de saberes: notas introdutórias sobre os estudos e movimentos bissexuais* os autores Inácio Saldanha, Helena Monaco e Beatriz Cruz traçam um panorama da produção de conhecimento e da trajetória dos movimentos políticos sobre a sexualidade, enfatizando o diálogo e a influência recíproca entre ambos, em uma perspectiva interdisciplinar.

O Dossiê apresenta uma entrevista realizada com a Amelinha Teles, ex-presa política e militante feminista. Ela analisa a relação entre militância política durante a ditadura militar, a atuação de mulheres no processo de redemocratização e enfatiza a sua participação como feminista popular na luta por direitos.